

A MENINA VALENTE

Regina Fittipaldi

Ilustração: **Girafa**



Fittipaldi, Regina

F564 A Menina Valente / Regina Fittipaldi;
ilustrações Girafa.
— Brasília : Horizonte : 1992

24 p. : il. color. : 21 cm

I. Literatura infantil .I. Girafa. II. Título

CDD — 028.5
CDU — 087.5

Editor:
GERALDO VASCONCELOS
Coordenação Editorial:
EDVALDO AGUIAR DE VASCONCELOS
MARISA AGUIAR DE VASCONCELOS

Marca Editorial 1992:
UM MILHÃO E QUATROCENTOS MIL EXEMPLARES

Títulos Editados:
400ª EDIÇÃO GERAL DA EDITORA

Ilustrações: GIRAFA

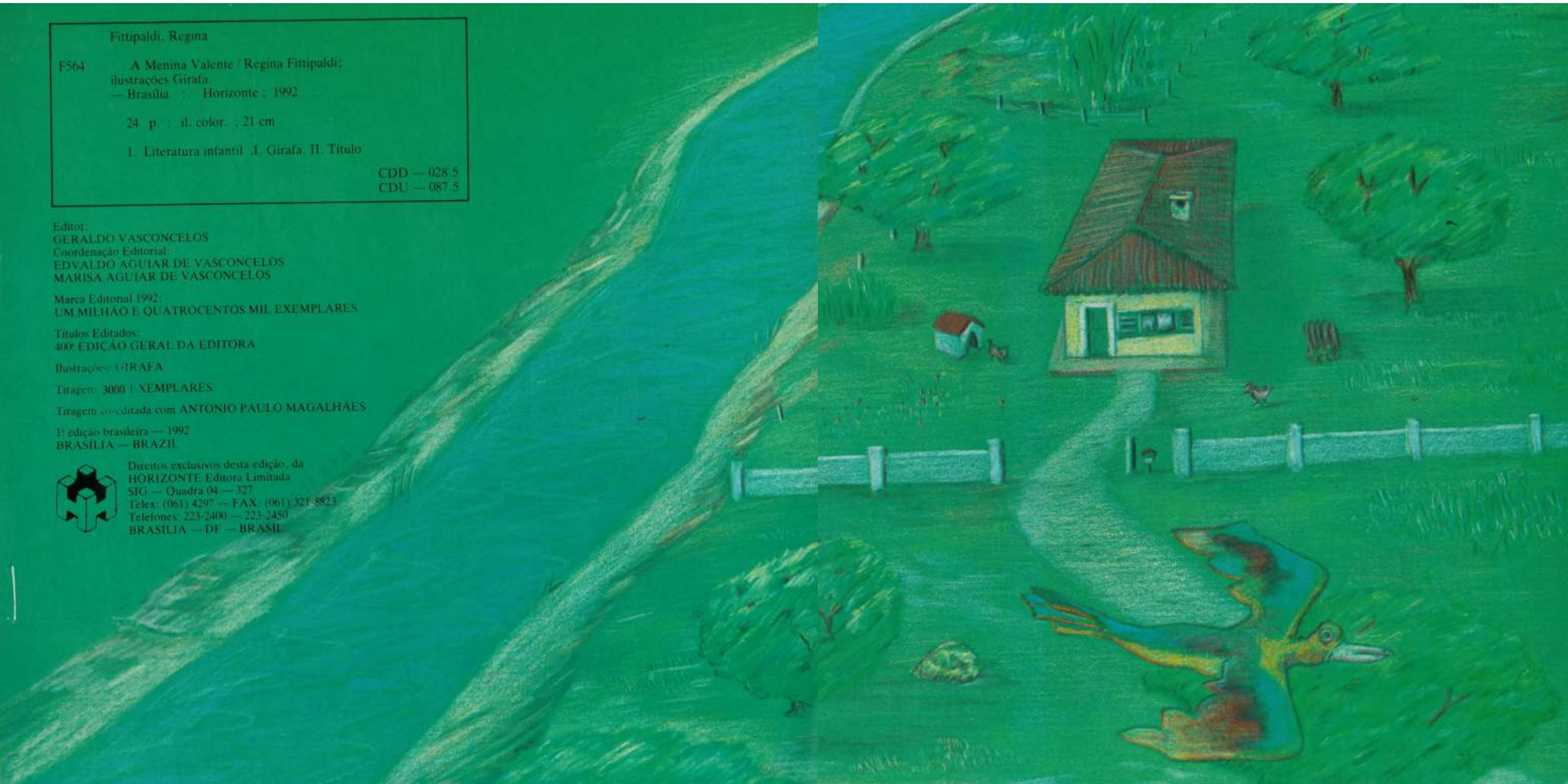
Tiragem: 3000 EXEMPLARES

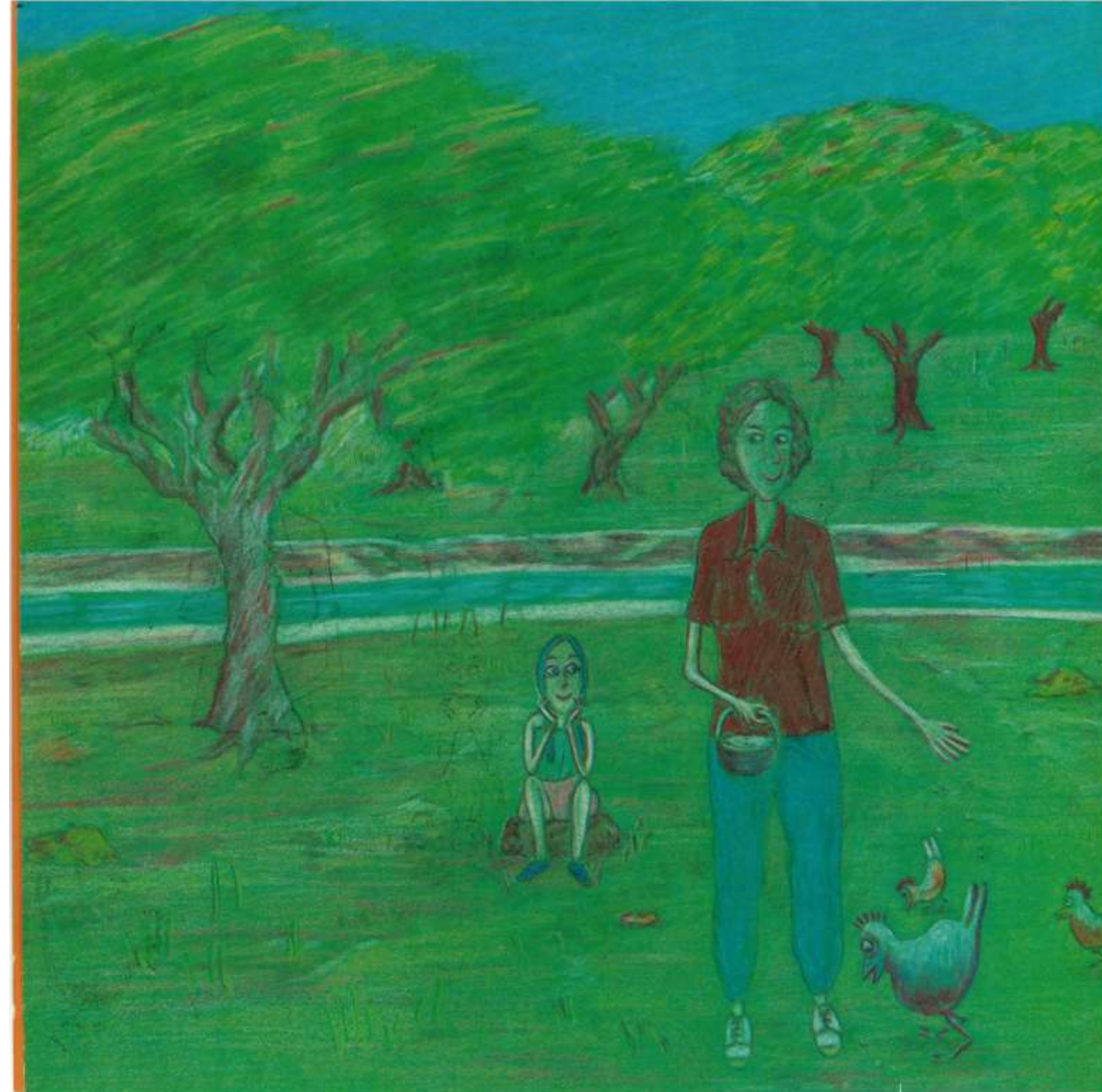
Tiragem co-editada com ANTONIO PAULO MAGALHÃES

1ª edição brasileira — 1992
BRASILIA — BRAZIL



Direitos exclusivos desta edição, da
HORIZONTE Editora Limitada
SIG — Quadra 04 — 327
Telex: (061) 4297 — FAX: (061) 321-8823
Telefones: 223-2400 — 223-2450
BRASILIA — DF — BRASIL





Joana era uma menina que morava numa casinha que ficava perto de uma linda floresta. Uma floresta grande, cheia de grandes e frondosas árvores onde havia muitos animais, pássaros, borboletas, e todos viviam felizes e em paz.

No meio da floresta corria um riacho de águas claras e azuis onde podiam-se ver os peixes de todas as cores nadando entre as pedras e musgos.

À noite, da varanda de sua casa, o canto das corujas e o coro dos sapos enchiam o ar e os pensamentos da menina de encantamento e magia.

Naquela manhã ensolarada e bonita, no entanto, Joana acordou e estranhou o silêncio: tudo estava muito quieto... Nem os passarinhos estavam cantando!

— Mamãe, disse Joana enquanto tomava o seu leite, vou à floresta visitar os meus amiguinhos. Alguma coisa está acontecendo e preciso saber o que há.

— E lá se foi a menina para a floresta. Ao chegar numa clareira encontrou todos os bichos reunidos com as grandes árvores. Estavam todos muito agitados e falando muito. Dirigiu-se para dona Esquila que estava sentada com os filhotes num tronco:

— Bom dia, amiguinha, o que está acontecendo por aqui?

— Bom dia, Joana, senta aqui... sabe, tudo isso é por causa daquela bruxa que se mudou para cá há uns tempos... uma tal de Dona Fábrica... Antes dela se instalar aqui tudo era limpo e bonito, mas agora tudo está mudando muito depressa... as coisas estão ficando muito diferentes...

— Diferentes? Diferentes, como assim? — perguntou Joana.

— Escute que você vai entender, respondeu D. Esquila.

Joana se ajeitou na ponta do tronco e começou a ouvir com muita atenção ao que se falava:



— Minhas folhas e as de minhas irmãs — disse a Grande Árvore — eram verdinhas e bonitas. A gente respirava um ar puro e gostoso!... Mas agora, olha só pros meus galhos! Estão magros, minhas folhas estão sujas e caindo... e tudo isso começou a acontecer depois que essa bruxa com os seus caldeirões encheu o ar da floresta com essa fumaça mal cheirosa e escura.

— Mas que absurdo, amiga Grande Árvore, indignou-se Joana-precisamos fazer alguma coisa...

— Minhas folhas, continuou a Árvore, mal conseguem respirar! Meus frutos, antes doces e graúdos, estão mirrados e sem gosto... Até os passarinhos, que faziam os seus ninhos em mim e a todos alegravam com seu canto, estão se mudando daqui!...

Murmúrio geral entre todos.

— Não é possível, amigos, exclamou Joana, como é mesmo o nome dessa bruxa horrorosa?

— É Dona Fábrica, querida menina, respondeu a Grande Árvore balançando os galhos, solene...

— Eu já conheci uma vez uma Fábrica que não era má. — disse a menina — era muito boa até... todo mundo gostava dela!

— Deve ser outra com certeza — comentou a capivara.

— Deve ser... porque aquela ao invés de atrapalhar como a daqui, dava a maior força para todos! Afinal, existem tantas Marias diferentes, tantos Paulos, tantos Pedros... deve haver várias Donas Fábricas diferentes também... umas legais, outras não...



— E sabe do que mais? Turma, lá no rio — falou Dom Sapo que era muito inteligente e respeitado — as águas que eram tão clarinhas estão cheias de manchas esquisitas e até com cheiro ruim! Os peixinhos vermelhos que moravam na curva do rio tiveram até que se mudar porque estavam ficando doentes!

E os bichos, os passarinhos, plantas e borboletas continuaram falando, cada qual contando os problemas que a bruxa lhes causava. Joana mal podia acreditar!

— Amiguinhos, é preciso fazer alguma coisa, disse Joana.

— E logo! Sabe, Joana — falou a raposa com voz pausada — nós já andamos conversando a respeito, e chegamos à conclusão de que só você pode realmente nos ajudar, ser a nossa porta-voz...

— Eu? Eu?!... Não sou a pessoa indicada, amiga raposa, respondeu a menina, vermelha e suando, eu morro de medo de bruxas!

— Se você for a nossa mensageira, se você conversar com a bruxa, contar pra ela o que está acontecendo — argumentou a raposa — ela talvez possa parar essas maldades...

— Eu? Eeee?! Não dá, gente... Eu tenho pavor! Joana recuou.

— Nós não queremos te forçar a nada, amiguinha — disse a Grande Árvore — se você não pode... tudo bem. A gente pensa outra coisa.

Começaram todos então a dispersar, ir para as suas tocas, tristes e sem esperança. Até a Suave Brisa parou de soprar!...

Joana voltou para a sua casa e nem quis jantar! Foi para o quarto, sentou na cama de frente pra janela, e olhando as estrelas começou a pensar, a pensar... Pensou em tudo. Pensou mais. E mais!

Depois de muito pensar, bolar, mirabolar, deu um pulo! É isso — gritou feliz — a seguir chegou na janela e respirando fundo o ar da noite falou baixinho:

— Eu tenho muito, muito medo de bruxas!... Eu até tenho pesadelo às vezes com elas! Mas agora é diferente... Se eu não for lá falar com a bruxa, nada vai mudar, e sabe-se lá o que pode acontecer nesta floresta? Além do mais, eu também tinha muito medo dos macacos, e hoje eles são meus amigos... a gente muda. Amanhã eu vou lá mesmo! — decidiu Joana.



No dia seguinte bem cedinho, Joana saiu em direção à casa de Dona Fábrica. Nunca tinha andado por aqueles lados da floresta antes. À medida que se aproximava do Castelo ia notando enormes diferenças: não havia flores, as árvores eram escuras e sem folhas, um ar pesado, não se ouvia o canto de nenhum pássaro!

O castelo da bruxa era assustador! Escuro e sujo, com enormes grades em volta.

Joana bateu à porta, ouviu passos ecoando lá dentro e então a imensa porta se abriu rangendo... A menina quase morreu de susto! Uma mulher grande e feia com um gato esquisito no colo lhe perguntou:

— Quem é você, e o que quer?

— Me..meu nome é Jo... ana. Eu vim pra falar com a Dona Fábrica... sabe quem é?

— Sou eu mesma — respondeu a bruxa com uma voz tão estranha que mais parecia uma sirene! O que você quer? Fale depressa que eu não tenho tempo a perder!

— Como eu ia dizendo... o meu nome é Joana, e eu estou aqui em nome da gente, dos bichos e das plantas da floresta, porque é...

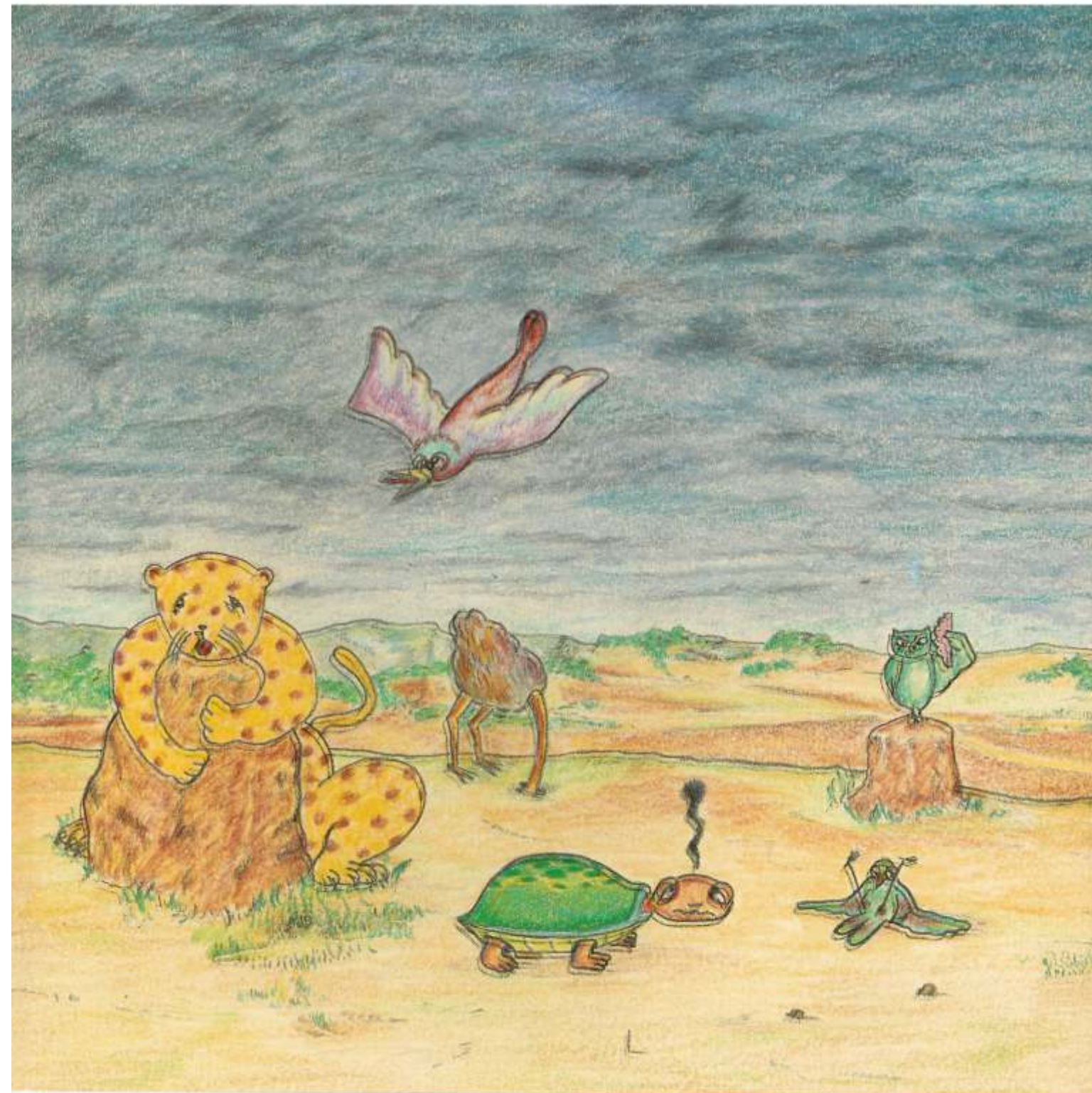
— Em nome de quem? De quem? Dos... — e virando-se para Pereba com jeito de remedar a menina — Bichos? Plantas? — a bruxa deu uma risada.

— É... isso mesmo... Sabe o que é? É que a sua fumaça está sujando o ar, e a água do seu castelo sujando os rios...

— E daí? Qual é o problema? Indagou a Fábrica impaciente.

— Os problemas são muitos, porque a fumaça está indo toda para a floresta — disse Joana — e as plantas e os bichos estão ficando doentes... O mesmo está acontecendo com o rio...

— E o que você quer que eu faça? Perguntou a bruxa já gritando. Você acha que eu vou parar o funcionamento do meu Castelo por causa de uma criança, bichos e plantas? Ha! Ha! Ha — gargalhou quase histérica.





Pereba, o gato, bocejava indiferente a tudo. Apenas seguia com os olhos e expressões a cara da bruxa.

— Parar o funcionamento? perguntou a menina — Oh! não é preciso... Sabe, é suficiente colocar filtros nas chaminés e nos canos, e aí fica tudo bem...

— Nunca! Jamais! Quem você pensa que é? Os incomodados que se mudem!

E dando meia volta bateu a porta com força deixando Joana em pé ali, sozinha...

A menina saiu correndo, quase voando, horrorizada com tudo o que vira e ouvira, e foi direto à floresta se encontrar com os amigos e contar tudo o que acontecera.

Eles ficaram muito tristes com as notícias, e Joana também.

Naquela noite Joana quase não dormiu, preocupada, pensando, pensando... E de tanto pensar teve uma idéia! Uma boa idéia!

— É isso aí! — falou — amanhã, se tudo der certo de duas uma: ou aquela bruxa muda... ou vai se mandar daqui!

E cruzando os dedos deitou-se e dormiu.

Quando amanheceu o dia, o sol mal começava a esquentar, Joana tomou o seu leite e saiu, seguindo ligeiro para o castelo da bruxa. Enquanto caminhava ia conversando consigo mesma para se distrair, se sentir mais forte...

— Olha aqui, meus joelhos e dentes... se vocês não pararem de tremer e bater desse jeito, a bruxa vai me ouvir chegar...

E então ela chegou no castelo. O portão estava aberto e Joana entrou bem devagar. Não havia ninguém. Tudo estava quieto... Ela começou a andar pelo castelo observando que tudo ali era sujo e feio.

— Se essa bruxa é suja com as coisas dela, tem que ser suja com tudo o mais mesmo — pensou alto a menina.



Ela caminhou por todos os lugares, corredores, e enormes salões. De repente, um barulho: era a bruxa que chegava com o seu gato esquisito! Depressa como um raio ela entrou na cozinha e foi se esconder dentro de um enorme fogão que mais parecia um armário de tão grande!

A Fábrica, com sua voz de sirene, já chegou berrando pro gato:

— Pereba, seu gato pulguento! Estou com fome! Vou assar um bolo, o que você acha?

— Acho ótimo, velha coroca — respondeu o gato se espreguiçando...

— Adoro quando você me fala assim, carinhosamente...

— Eu sei, coisa feia e fedorenta... Miau!

— Um bolo agora vai muito bem! — disse a bruxa.

Joana quando ouviu aquilo tremeu: — assar um bolo? Se Dona Fábrica acendesse aquele fogão ela estava frita! — ou melhor: assada! Por sorte a bruxa não achava os fósforos, e enquanto ela saiu para buscá-los Joana aproveitou e... zás! Saiu de dentro do forno e se escondeu depressa debaixo de uma imensa mesa que havia.

A bruxa voltou, preparou a massa, acendeu o fogo e se sentou numa cadeira em torno da mesa. Seus pés quase tocaram em Joana que estava encolhida sob a mesa, e pegou no sono. A menina alí encolhida, ao ver as pernas da bruxa não resistiu: deu-lhe um tremendo beliscão! A velha deu um pulo berrando:

— Ai! Ai! Ai! Mas o que houve? É uma guerra? É uma guerra?

— Mas que guerra, o quê? Você tá gagá, ou o quê?... Perguntou o gato enquanto abria apenas um olho...

— Então foi você, não é? Seu gato pulguento! Olha Pereba se você vier de novo com essas brincadeiras eu te transformo num sapo de um olho só! Vou dormir na sala!

E lá se foi a Dona Fábrica dormir num imundo sofá. Quando tudo acalmou, pé ante pé Joana foi à sala e se escondeu atrás do sofá. Esgueirando-se entrou debaixo dele. Tirou do bolso um alfinete que trouxera e... pimba! espetou a bruxa.



— Ai! Ai! Ai! De novo! Pelas barbas do meu bode! Pereba, foi você, né?

— Uaaahhh! Bocejou o gato... o quê? Não fui eu nada... deve ter sido mais uma mola solta desse sofá velho... Você é a pessoa mais pão dura que eu já vi! Que adianta ter um quarto cheio de ouro e dormir num sofá que espeta?

— Cala a boca, seu gato de língua de trapo! Sabe do que mais? Vou pro meu quarto dormir...

Era isso que Joana estava esperando que acontecesse, para poder pôr em prática o seu plano, o seu “Pacote espanta bruxas”... Quando ela percebeu que tudo estava quieto, que a bruxa já dormira, foi correndo para a floresta chamar os bichos.

— Amigos! — disse ela — Chegou a hora! Precisamos no unir para mudar!

Juntaram-se todos em volta de Joana — até a Grande Árvore alongou os seus galhos para melhor ouvir — e com atenção escutaram todo o plano. Tinha que dar certo! Fizeram uma grande roda, e em coro gritaram:

— Os bichos, unidos, jamais serão vencidos!

— As plantas, unidas, jamais serão vencidas!

— Sinceramente unidos, jamais seremos vencidos!

Cheios de entusiasmo (mas com um pouquinho de medo), seguiram para o castelo, casa da Fábrica...

Quando chegaram na frente do castelo da bruxa, muito assustados entraram pé ante pé e foram direto para o quarto onde ela ainda dormia com o gato Pereba.

Começou então a “Operação Harmonia”: na ponta de seus pezinhos e bicos, os sabiás trouxeram pó de lírio branco, e suavemente com as plumas de suas asas espalharam no rosto da Fábrica que ficou luminoso, perolado! Das papoulas, os beija-flores trouxeram o carmim que deram à face dela um leve tom rosado... As ágeis borboletas com seu vôo pentearam-lhe os cabelos, e as abelhas lhes emprestaram a cor e o perfume do mel e de jasmims... Uma guirlanda de flores de todas as cores, habilmente preparadas pelas mães coelhas deu um toque especial! Cada qual em sua tarefa fazia o melhor que podia. Quando terminaram, se entreolharam perplexos, mal podiam acreditar: Dona Fábrica estava tão bonita!...

Lentamente foram se afastando em direção à porta. Ali amontoados, a um sinal de Joana falaram em uníssono:

— Boa tarde! A senhora tem visitas!

O primeiro a abrir o olho foi Pereba. Quando olhou para a Fábrica deu um miado de todo o tamanho:

— Miaaaaauuuu!!!!... (na língua dos gatos, aquele miado quer dizer: Socorroooooo!!!)

A bruxa levantou de um pulo só. Olhou pra porta e com a sua voz de sirene gritou:

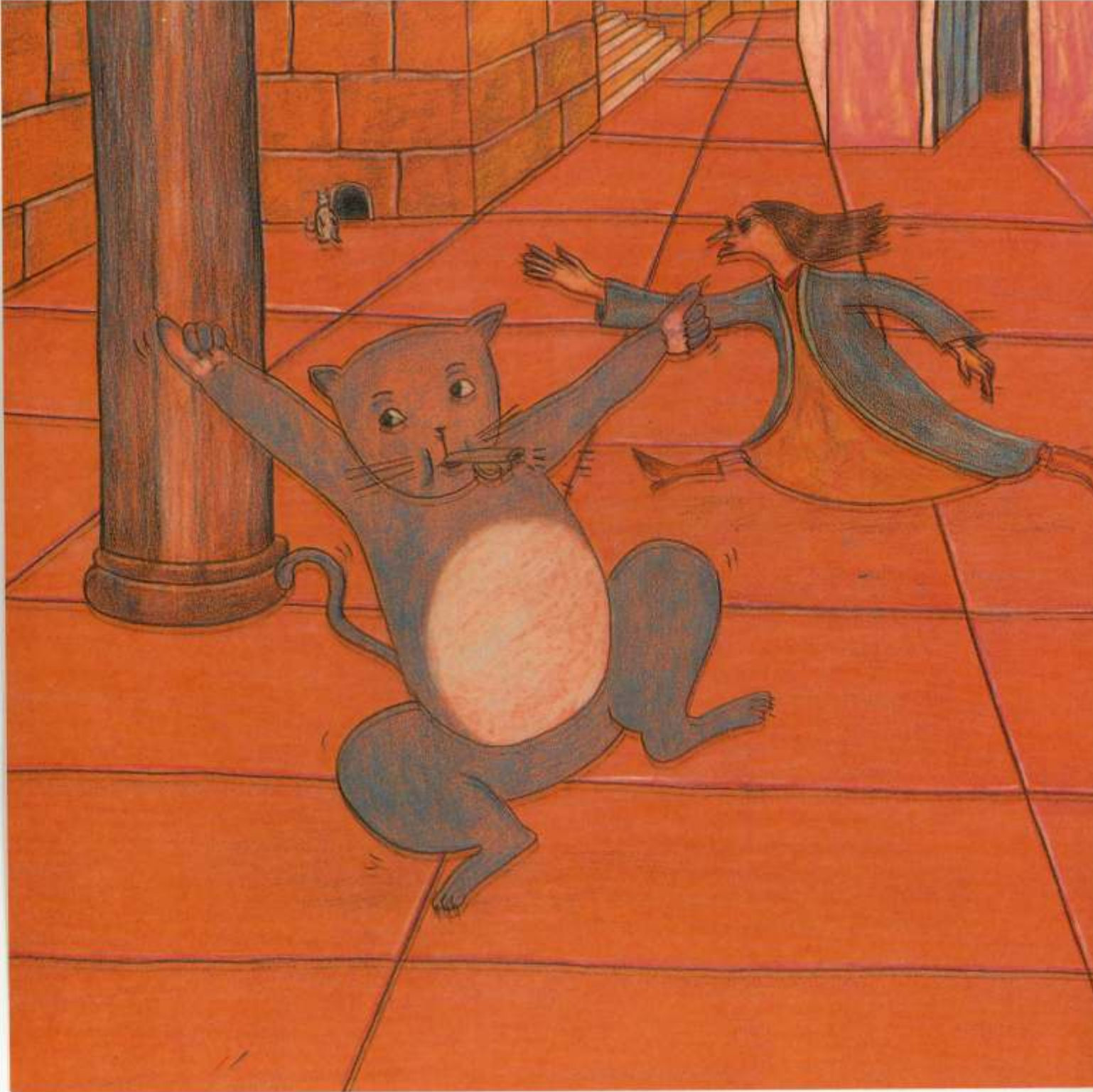
— Quem são vocês?? Ah! É a menina amiga dos bichos e plantas, não é? Xô! Xô! Fora!

— Viemos de paz, conversar, nos entender... disse Joana.

— Entendimento? O que é isso? Vou jogar todos no meu caldeirão, berrou a bruxa.

Foi um Deus nos acuda!

A bruxa saiu correndo atrás. Todos corriam, entravam por uma porta, saíam pela outra, ninguém mais se entendia... Do alto de uma escada, Pereba “dava instruções” de apito na boca:



— Vire à direita, mais à direita, não! Pare! Siga! Esquerda voltar!
Correram por todo o castelo, uma perseguição daquelas! A bruxa já estava ficando doida! Respirava com dificuldades...

— Ai! Ai! Ai! Sinto falta de ar puro para respirar!

— Foi você que fez isso com o nosso ar... e quer ar puro? O feitiço está virando contra a feiticeira! Gritou Joana.

— Mas ainda tenho forças para te pegar, atrevida! Pereba! O meu copo de água, rápido!... Cóff! Cóff! — tossia a bruxa.

E continuou o corre-corre... Numa rápida parada a Fábrica tomou seu copo de água, e...

— Argh! — Cuspiu — Isso parece água, mas deve ser veneno!

— Peguei na torneira. Deve ser a tal de poluição — disse Pereba. Ainda bem que nós gatos detestamos água!

— Gato inútil! Me ajude a encontrar esses invasores!

Escondida num canto junto com a raposa, Joana disse:

— Precisamos de um espelho, amiga raposa, agora é a parte mais importante: fazer a bruxa se ver assim, diferente, bonita! Quem sabe se vendo bela por fora ela fica bonita por dentro?

Os bichos distraíam a bruxa correndo pra cá e pra lá, enquanto Joana e a raposa percorriam o castelo da Fábrica atrás do espelho. Tinha que ser bem grande! Finalmente encontraram um tão grande, que foi preciso chamar os macacos para ajudar a levar.

— Vamos levar lá pra baixo onde está a confusão — sugeriu a coruja — pelo que vi há pouco, a bruxa não vai conseguir correr muito tempo não...

— Vamos depressa, amiguinhos! Disse Joana.

De fato, a bruxa já andava quase se arrastando...

— Ai!... Qua falta de ar puro... que sede... Desisto!

E sentou-se no chão. Olhou em volta... foi quando ao lado da escada viu uma estranha mulher sentada em frente dela! Era a sua própria imagem, mas ela, naturalmente, não se reconheceu. Achou que se tratava de uma outra invasora.

— Quem é esta aí? Outra invasora, com certeza. Essa gente que anda com flores na cabeça... sei não....

— Disfarça um pouco a sua loucura, Fabriquinha — sussurrou o gato — não vê que é você mesma?

— Eu?! Mais respeito, seu gato falante.

Joana que, de trás do espelho observava, criou coragem, e dirigiu-se à bruxa:

— Dona Fábrica... o seu gato tem razão, é a senhora mesmo, ou melhor, a sua própria imagem refletida no seu próprio espelho, não reconhece?

— Eu?!... Credo! Isto é que é bruxaria! exclamou

— Dona Fábrica, a gente resolveu lhe trazer um pouco de nossa mata, do trabalho de nossa gente, prá senhora ver como tudo pode ficar bonito, tudo tem um lado feio e outro bonito... A senhora agora, por exemplo, está muito bonita! Disse Joana com um certo sorriso.

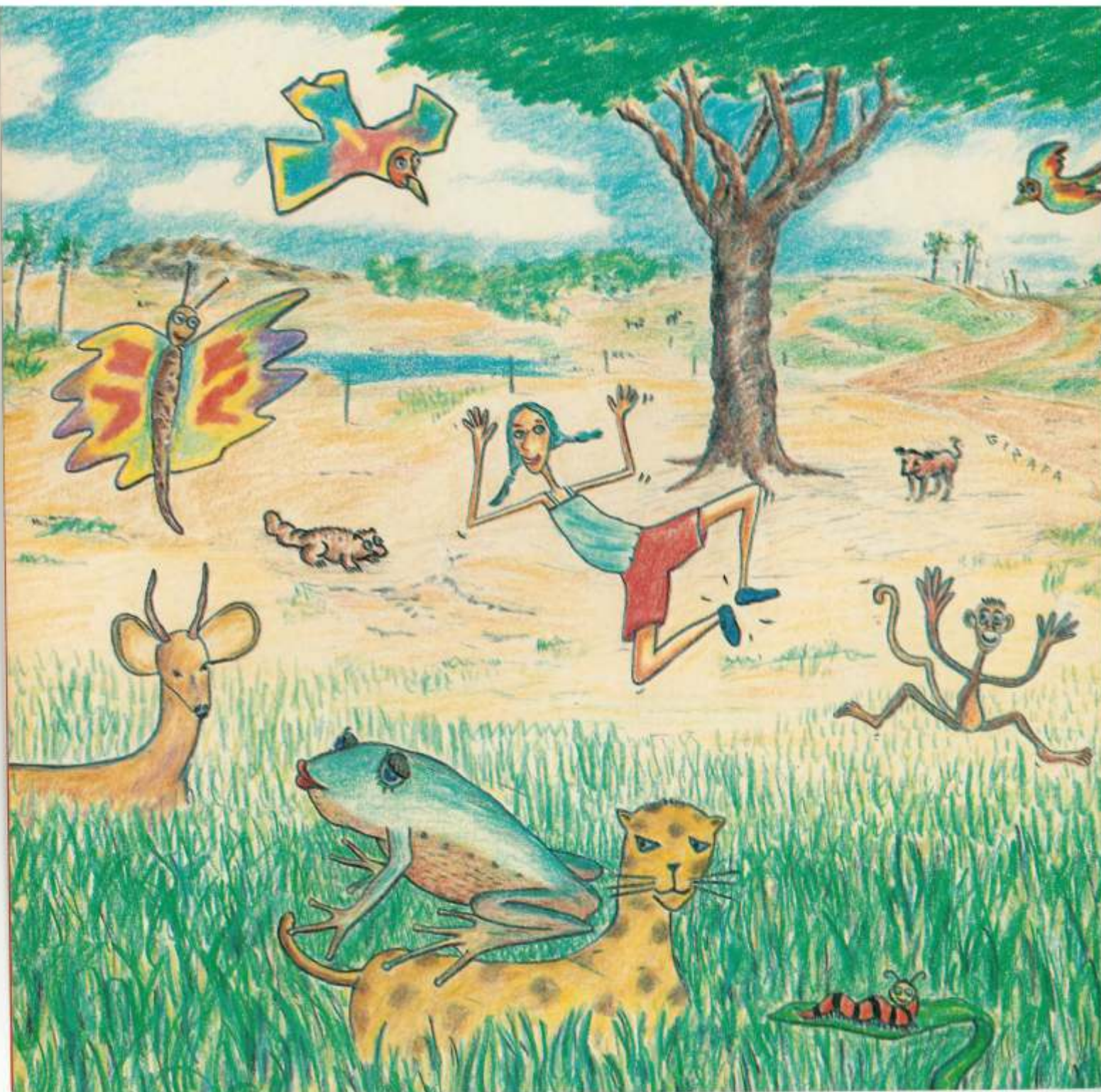
— Bonita? Eu? Mas... como é isso... bonita? Impossível!

— Olha o seu rosto, com as nossas flores... apenas um pouco de harmonia e....

Quando esta palavra — harmonia — soou pela sala, a bruxa deu um grito tremendo! Começou a berrar, a pular, a girar, girar.... e começou a sumir..., foi sumindo, ficando pequena, pequenininha... até que ... pimba! Sumiu!

Todos estavam parados, os olhos arregalados de espanto. Não acreditavam no que viram... No lugar onde a bruxa sumiu, ficou no chão apenas um galho todo seco, retorcido, rígido!





— Que aconteceu?

— Pra onde ela foi?

— E agora, que faremos?

Bichos, insetos, até a borboletas, excitados e agitados se perguntavam, queriam entender o que se passara.

— Calma, amiguinhos, disse Joana, calma!

Lentamente dirigiu-se para o galho seco:

— Senhor galho, quero dizer... Dona Fábrica...

Nada. Nenhum movimento, nenhum sinal... Ela então se agachou, examinou, soprou... e nada! Com um pouco mais de coragem ela então tocou o galho, segurou-o com as mãos... Ergueu os olhos, e viu seus amigos ali em volta.

Sim, eles estavam ali, os seus companheirinhos. Estavam ali, apesar do medo. E agora, com a respiração suspensa esperavam uma palavra sua...

— Amigos... eu acho que... Vencemos!!!

Foi uma festa! Todos se abraçavam emocionados, os macacos pulavam sem parar! Dançaram, cantaram, comemoravam com a maior alegria a sua vitória!

Os bichos davam vivas, as plantas e árvores balançavam os galhos de satisfação, e até a Suave Brisa veio comemorar fazendo bailados, dando piruetas com o ar...

— Vencemos! disse a menina abraçando feliz Dona Esquila — agora, pessoal, este castelo vai ser um lugar bom! Um Castelo que vai funcionar para todos e por todos!

Juntos arrumaram e limparam o Castelo que ficou uma beleza! Foi uma festa geral na floresta!

A velha bruxa, Dona Fábrica, desapareceu mesmo! Ninguém nunca mais ouviu falar nela.

Agora, ninguém mais suja a água dos rios que voltou a ser azul, e nem o ar que voltou a ser puro.

Todos vivem felizes porque se uniram, e porque Joana, uma menina valente, com coragem enfrentou a bruxa para defender os seus amigos!

FIM

A FALA DO EDITOR

Vinte anos após termos editado "O RETO E O OBLÍQUO", de Regina Stella é com muita emoção que editamos agora, o impressionante livro infanto-ecológico, "A MENINA VALENTE", de sua filha, a talentosa Regina Fittipaldi.

Indicado para crianças a partir de 7 anos de idade, "A MENINA VALENTE" é um forte incentivo à formação da consciência ecológica, fundamental para a preservação do homem e de seu meio ambiente.

Tema bastante atual, a necessidade de proteger a vida do planeta foi amplamente discutida e reforçada com a realização em junho deste ano, da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento — ECO 92 — sediada no Rio de Janeiro — tendo as crianças de todo o mundo demonstrado grande interesse e ativa participação.

Na comovente estória, contada de forma eletrizante, a arrojada menina Joana é um exemplo de participação comunitária no interesse da preservação da vida, esperança para as gerações vindouras.

"A MENINA VALENTE" vem se juntar a outras obras infantis por nós editadas com grande sucesso, entre as quais "A LENDA DO PASTORZINHO AZUL", de Maria Eugênia Nunes, "O SABIAZINHO E OS MISTÉRIOS DA FLORESTA", de Thelma Aguiar, "LIBÓRIO — O GATO PREFEITO", de Leda Rocha, linha editorial que nos dá muito orgulho, aliada, ainda, ao tema da ecologia, do qual fomos pioneiros na edição ao publicarmos "AGROECOLOGIA", do famoso brasileiro Augusto Ruschi, de saudosa memória.

Vale elogiar a participação do empresário Antonio Paulo Magalhães, na co-edição deste livro, incentivando os empreendimentos culturais de Brasília, exemplo a ser seguido por outros empresários da Capital.

Editor *Geraldo Vasconcelos*



Composto e Impresso na

GRÁFICA E EDITORA IDEAL LTDA.

SIG. Q. 04 Lote 373 Fone (061) 225-6446
Brasília-DF

